

HIV/AIDS E EDUCAÇÃO ESCOLAR: UM DESAFIO A MAIS PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Arlete Cherobini ORTH^{1*}; Simone Gobi MARCOLAN¹; Tania JANDREY¹

1. UnilaSalle/Lucas, Lucas do Rio Verde – Mato Grosso, Brasil.

* Autor Correspondente: Arlete.orth@unilasallelucas.edu.br

Recebido em: 25 de fevereiro de 2020 - **Aceito em:** 08 de julho de 2020

RESUMO: As escolas são locais de socialização do saber, as quais recebem crianças e adolescentes de todas as classes, gêneros, etnias e com os mais variados laudos médicos ou portadoras de síndromes, sendo que a AIDS pode ser uma delas. Diante disso, a pesquisa foi direcionada com o propósito de averiguar se os professores de Educação Física, os quais sujeitos da pesquisa, estão preparados para receber e trabalhar com estudantes portadores de HIV e AIDS em suas aulas. Os dados coletados demonstraram que mesmo estando despreparados para trabalhar com estudantes soropositivos, os professores têm a dimensão de suas responsabilidades e buscam por maiores informações, bem como aperfeiçoamentos sobre o tema ora mencionado.

PALAVRAS-CHAVE: Docência. HIV/AIDS. Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

A AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é uma doença causada pelo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), que compromete as células responsáveis pela imunidade das pessoas (linfócitos T) e, portanto, pode causar a morte por conta de doenças que para pessoas não portadoras não seria a causa.

A AIDS afeta crianças, jovens e adultos, independentemente da idade, do estado civil ou da opção sexual. Uma diferença em relação aos tempos passados é que hoje ela é encarada não mais como uma sentença de morte devido ao avanço da medicina, ao maior esclarecimento sobre suas formas de contágio e à expectativa de vida maior e com qualidade que as pessoas com a doença podem levar.

Considerando a escola um local de socialização do saber e que recebe crianças e adolescentes de todas as classes, gêneros, etnias e com os mais variados laudos médicos ou portadores de síndromes em que a AIDS pode ser uma delas, é importante que nesse espaço os estudantes portadores encontrem apoio, informações e a garantia de que podem frequentar a escola como qualquer outro não portador da doença, sem preconceito nem discriminação. Dessa forma,

as escolas necessitam de profissionais preparados para enfrentar esse desafio coletivamente.

Referindo-se especificamente aos professores, esses precisam saber receber e trabalhar com crianças soropositivas em suas aulas, essas devem ser inseridas sem nenhuma distinção e realizar todas as tarefas e atividades conforme as demais, sem comprometer ou prejudicar o seu desenvolvimento escolar.

Porém, quando se fala em preparação e formação de professores, vale ressaltar que, principalmente os professores recém-formados, encontram inúmeras dificuldades ao chegar à escola para começar sua profissão. Além da insegurança que é algo natural sempre que o ser humano se depara com o novo, os professores precisam saber lidar com todas as diferentes questões que envolvem uma escola e uma sala de aula.

Sendo que trabalharão com seres humanos, com uma heterogeneidade de crianças e adolescentes que muitas vezes se deslocam para a escola apenas em busca de alimentação ou de apoio e atenção, os quais não encontram na família. O professor tem grande responsabilidade sobre a educação dos seus alunos, que veem nele um grande

exemplo e atribuem grande valor ao conteúdo ministrado.

A formação inicial e os cursos de licenciatura têm sido objeto de muitos debates acadêmicos devido às críticas dirigidas à escola e ao professor. Isso acontece, principalmente, quando analisa-se assuntos que ainda na atualidade, são alvo de falta de conhecimento e preconceitos tão grandes em relação ao convívio com portadores do HIV/AIDS, por exemplo, de como nós professores ainda temos um árduo processo de ensino-aprendizagem nas escolas, junto à preparação desses alunos para a vida e para o trabalho.

O professor não deveria ser um técnico a desenvolver ou implementar inovações prescritas, mas sim, converter-se em um profissional com participação ativa e crítica em um verdadeiro processo de inovação e mudança, a partir de seu próprio contexto, em um processo dinâmico e flexível (IMBERNÓN, 2000, p. 20).

O processo de ensino-aprendizagem, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física (2007, p. 24) “devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões. E a Educação Física escolar deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos”.

A qualidade de ensino ministrado na escola e o sucesso na tarefa de formar cidadãos capazes de participar da vida em todas as suas dimensões, relacionam-se estreitamente à formação docente (inicial e continuada), condições de trabalho, materiais didáticos, recursos físicos e ferramentas em geral utilizadas no processo, além de dedicação integral à escola, remuneração, número de alunos por sala, etc), elementos indispensáveis à profissionalização do magistério (NEIRA, 2009, p.189).

A formação dos professores é apontada como o principal elemento para uma educação de qualidade. A formação

teórica inicial que os professores de Educação Física têm em sua graduação, muitas vezes deixa-os em situação desfavorável, insatisfatória, caracterizando-se até inadequada e insuficiente frente ao que se estabelece à constante renovação do conhecimento e ao acelerado desenvolvimento científico e tecnológico.

Os cursos de formação inicial nem sempre conseguem dar condições suficientes e adequadas para o exercício profissional. Ou seja, ao final de seus cursos de licenciatura, muitos professores veem-se desprovidos de conhecimentos suficientes que lhes possibilitem fazer frente a complexidade do trabalho pedagógico. De acordo com Darido (2011, p. 31), “os professores se ressentem de uma integração entre os conhecimentos produzidos pela teoria e os problemas enfrentados na prática pedagógica”.

Darido (2011, p. 28) defende que “os conhecimentos científicos úteis para as tomadas de decisões, devem ser derivados das subdisciplinas da área, como a aprendizagem e o desenvolvimento motor, a biomecânica, a fisiologia do exercício, a Sociologia da Educação Física e Esportes”.

Neste sentido, ao iniciar o seu trabalho na escola e atuar em sala de aula, todo professor necessita organizar-se para suprir, as questões sociais além de poder contar com um conjunto de atribuições do próprio espaço escolar, estar adequadamente preparado para enfrentar essas situações e exigências, sendo isso tarefa árdua e geralmente, sua formação inicial não o prepara para assumir tamanhos desafios.

A formação do profissional da Educação Física ainda se dá “de maneira acrítica, com ênfase à formação esportiva ligada ao rendimento máximo e seleção dos mais habilidosos, e que os profissionais são formados na perspectiva do saber fazer para ensinar” (DARIDO, 2011, p. 31).

Para Imbernón (2000, p. 65) “a formação inicial necessita preparar o aluno para uma profissão que exige que se continue a estudar durante toda a vida profissional, até

mesmo em âmbitos que, nesta etapa de sua formação, nem sequer suspeitam”. Nesse sentido, admite-se que o professor esteja sempre em processo de permanente formação, atualização, aperfeiçoamento e qualificação, embora muitos professores de Educação Física admitissem que “apesar de reconhecer a importância ou a necessidade de acompanhar os estudos científicos, a maioria não os faz” (DARIDO, 2011, p. 44).

De todos os direitos sociais afirmados às crianças e adolescentes, o direito à educação escolar é, sem dúvida, um dos mais importantes, porém, além de ter o acesso garantido por lei à escola, importante que também haja permanência na mesma. Segundo o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) em seu Capítulo IV - Do direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II- direito de ser respeitado por seus educadores;

V - acesso a escola pública gratuita próxima de sua residência;

Art. 54. É dever do Estado, assegurar à criança e ao adolescente:

I- ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

São direitos de crianças e adolescentes frequentarem a escola e serem respeitadas, em suas condições, sendo estas quais forem. Portadores do HIV/AIDS possuem de direito, o sigilo do seu estado de saúde, podendo assim omitir o fato de que é portador e com isso objetivar uma vida praticamente normal junto aos colegas.

Para que este direito seja garantido, o código penal prevê, nos termos de seu Art. 325 que:

Capítulo I - Dos crimes praticados por funcionário público contra a

administração em geral - Violação do sigilo funcional - art. 325: “é crime revelar fato de que tem ciência em razão do cargo e que deva permanecer em segredo, ou facilitar-lhe a revelação”. Pena: detenção de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa”.

O segredo do paciente sob o ponto de vista ético e moral deve ser mantido, por pertencer ao paciente, a lei exige que o médico guarde segredo e que este seja revelado apenas e tão somente em determinadas situações que são configuradas tanto no Código de Ética Médica quanto no Código Penal.

Muitas vezes, até mesmo as crianças não sabem o que verdadeiramente está acontecendo com eles, os médicos e os pais fazem isso para que estas crianças possam ter uma vida mais normal possível, por que qualquer tipo de depressão pode alterar o desenvolvimento ou agravamento da doença. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente Capítulo II - Do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade:

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Diante do fato de que entre os alunos, alguns podem ser soropositivos, a escola e os professores devem enfrentar esse desafio, com base na legislação, também com muita informação e conhecimento, garantindo matrículas e sigilos, caso os alunos e as famílias assim o desejarem.

Em tempos de crianças com HIV e AIDS nas escolas, sabe-se que muitas instituições e professores ainda não estão preparados, em especial nas aulas de Educação Física, em que os professores se deparam com muitas situações, as quais devem saber trabalhar.

Além de situações de troca de objetos, toalhinhas, materiais, beijos, abraços e afagos, há também que se pensar que

existem ferimentos originados por, quedas ou até mesmo mordidas e arranhões.

O professor deve ter discernimento, que além de ter cuidados especiais com essas situações, deve garantir o sigilo, saber enfrentar a questão de que o portador precisa tomar medicamentos às vezes em horário de aula, necessita ausentar-se para tratamentos médicos e mesmo assim, que lhe seja assegurado o não comprometimento do seu rendimento escolar.

Diante das diversidades e desafios encontrados em sala de aula, indaga-se: Os professores de Educação Física foram e estão preparados para receber e trabalhar com estudantes portadores do HIV e AIDS?

A partir dessa problemática, a pesquisa foi direcionada de modo a atingir o objetivo geral de vislumbrar, se os professores de Educação Física estão preparados para receber e trabalhar com estudantes portadores do HIV e AIDS. Partindo deste, inserem-se alguns objetivos específicos que orientaram o estudo:

Descobrir de que forma os professores de Educação Física, trabalham em suas aulas com alunos soropositivos, esclarecer se durante a sua graduação o professor recebeu alguma orientação ou cursou disciplina específica para possibilitar o trabalho com esses estudantes, verificar se em algum momento da profissão, os professores buscam atualizações, bem como aperfeiçoamentos sobre o tema ora em análise.

MATERIAL E MÉTODO

Os sujeitos escolhidos para a realização da pesquisa foram três professores de Educação Física que atuam no Ensino Fundamental I, sendo um da rede privada, um da rede pública municipal e um terceiro da rede pública estadual do município de Lucas do Rio Verde – MT, no intuito de identificar se estão preparados para receber e trabalhar com estudantes portadores do HIV e AIDS em suas aulas. A escolha dos três

professores e escolas aconteceu aleatoriamente, sem critérios definidos pelas pesquisadoras.

O instrumento para coleta de dados foi entrevistas, seguindo um roteiro básico constituído por questões elaboradas destinadas a cada um dos professores.

Justifica-se a escolha desse instrumento, pois através dele o pesquisador consegue esclarecer melhor as respostas superficiais ou com pouca clareza do entrevistado, caso seja necessário, uma vez que as questões são flexíveis, possíveis de serem modificadas ou reelaboradas dependendo da interpretação ou compreensão do entrevistado.

Vale ressaltar que os professores foram entrevistados mediante apresentação dos objetivos da pesquisa, com posterior autorização para gravação em áudio e assinatura por esses, de termo de aceite.

Aos professores também foi assegurado o anonimato e o sigilo das respostas. Após a entrevista, os dados foram transcritos na íntegra, de modo a preservar a veracidade das informações. Os episódios com turnos de falas foram codificados para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos. Para distingui-los atribuiu-se a letra P, numerada de um a três (P1, P2, P3).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como os professores de Educação Física trabalham com alunos soropositivos em suas aulas

Ao matricular seus filhos, portadores de HIV e/ou AIDS em uma escola, seja ela pública ou privada, os pais não são obrigados a fornecer essa informação. Caso informem, a escola ou equipe diretiva, além de aceitar essas crianças, devem manter sigilo absoluto sobre essa questão para proteger e respeitar o direito do aluno. Diante disso, pode ser que os professores trabalhem com esses alunos sem ter o devido conhecimento da situação.

Ao responderem sobre essa questão,

os três professores entrevistados nunca trabalharam nem estão trabalhando com alunos soropositivos:

P1. Nesta escola aqui agora não.

P2. Não.

P3. Não. Eu nunca ouvi nenhuma mãe, nenhuma escola nunca me passou até hoje nos 16 anos de concurso.

Diante da possibilidade de se ter alunos soropositivos nas aulas em uma escola, e nas aulas de Educação Física em especial, sabe-se que tal convívio não oferece nenhum risco, a não ser em caso de sangramentos. Mas durante brincadeiras ou situações comuns de uma escola, não se tem conhecimento de transmissão. É claro que ao ter conhecimento sobre esses alunos, os professores também podem ficar mais atentos e até preparados, mas sem nenhuma forma de preconceito ou discriminação.

Quando questionados se estão preparados para essas situações, os professores respondem que não estão, porém estão dispostos a buscar ajuda e maiores informações, esclarecimentos para desempenhar um bom trabalho, conforme suas falas:

P1. Preparado mesmo a gente nunca está, por que uma formação específica em cima disso a gente não tem, se você precisa acaba indo buscar, você tem que saber trabalhar por que você não pode excluir, tem que saber lidar com a situação mas não é fácil quando você descobre a situação.

P2. Preparado não. Entretanto, um aluno com esta síndrome hoje o nosso país avança em medicamentos, e as pessoas hoje acometidas desta enfermidade elas conseguem realizar as atividades cotidianas de forma normal. Em específico para trabalhar com estas pessoas eu precisaria de uma atenção em cima de atividades que minimizassem traumas para que evitasse o contato a partir de uma lesão que pudesse haver um contato sanguíneo.

P3. Eu me sinto preparado como na inclusão dos portadores no sentido que se eu tiver um

eu vou correr atrás e buscar fórmulas e conhecimento para atender.

Além de saber todas as possíveis formas de contágio e cuidados, estar preparado para receber e trabalhar com crianças portadoras do HIV e AIDS ainda é um desafio em um sentido maior que é o de não discriminá-las nem excluí-las, e sempre manter-se informado sobre o assunto.

Porém, a grande preocupação dos professores entrevistados é não se contaminar nem contaminar os demais alunos em caso de um ferimento ou sangramento, esquecendo que tais cuidados se devem ter com qualquer pessoa caso haja contato com sangue para se preservar, mas também para preservar aquele que está machucado, o mais vulnerável no momento.

P3. Eu sei dos cuidados iniciais que devemos ter para não contaminar os colegas.

P1. No caso quando você fica sabendo do caso da criança e lógico que daí você já vai trabalhar com luva pra você poder trabalhar com ela por você saber que o sangue que contamina, contamina você se tiver um ferimento.

P2. Eu não tenho a formação adequada sobre isso como já mencionei. Caso tivesse uma criança e a escola fosse notificada, então teríamos sim uma formação diferenciada e uma atenção diferenciada.

Diante da hipótese de ter alunos portadores de HIV/AIDS e de conviver com eles, é natural que os professores fiquem receosos e com medo de contaminação. Mas a partir do fato da não obrigatoriedade dos pais fornecerem essa informação à escola, e também do sigilo que a escola deve ter caso receba a informação, pode ser que os professores entrevistados estejam trabalhando com alunos soropositivos e não têm conhecimento, embora dois dos professores entrevistados discordem com isso:

P1. Infelizmente esta é uma questão que eu acho que as escolas falham, porque a gente deveria saber exatamente qual criança que tem isso, então a gente nunca fica sabendo como professor.

P3. Eu como professora não concordo porque uma vez a família sabendo e ela (a criança) estando em um lugar público onde ela pode vir a transmitir aos profissionais que atuam diretamente e os colegas. A discricção e o sigilo eu concordo, mas não negar informação a este profissional que sabendo vai ajudar a criança ainda mais, se eu estivesse do outro lado até poderia pensar assim, mas na escola onde a criança passa um longo tempo deveria ser informada sim.

Independente dos professores terem conhecimento se estão trabalhando com alunos portadores de HIV/AIDS e de estarem preparados para trabalhar com essas crianças ou não, o fato é que essas crianças tem garantia de matrícula e frequência na escola pública e privada, e que sua presença e condição não representa perigo, devendo assim ser mantida sua integridade sem preconceito ou alguma outra forma de discriminação.

Orientações recebidas ou disciplinas específicas durante a graduação para trabalhar com estudantes soropositivos.

Pensar a formação de professores implica considerar as mudanças sociais em que ela está inserida. A formação de professores envolve o processo de crescimento e desenvolvimento dos mesmos, para que possam adotar atitudes intencionais, conscientes e críticas quanto ao homem, mundo e sociedade que o cercam.

Dessa forma, através da entrevista, buscaram-se dados e informações a respeito da formação inicial dos professores de Educação Física entrevistados, o que permitiu e forneceu elementos importantes para responder ao objetivo de descobrir se receberam orientações ou cursaram

disciplinas específicas para trabalhar com estudantes soropositivos.

De acordo com suas respostas:

P1 - Na formação inicial e nem nas formações continuadas não tivemos esta questão, este assunto para ser discutido.

P1 – Exatamente sobre isso não, mais a gente teve sobre os primeiros socorros que englobou tudo, mas exatamente como você deveria trabalhar, os cuidados que deveria ter e tudo você acaba procurando fora, por que uma disciplina que estabelecesse exatamente isso não.

P2 – Não.

P3 – Não tivemos.

Como não tiveram formação a respeito, também desconhecem a legislação que ampara essas crianças. Pela Constituição Brasileira, os portadores do HIV, assim como todo e qualquer cidadão brasileiro, têm obrigações e direitos garantidos. Entre eles: dignidade humana e acesso à saúde pública e, por isso, estão amparados pela lei.

O Brasil possui legislação específica dos grupos mais vulneráveis ao preconceito e à discriminação, como homossexuais, mulheres, negros, crianças, idosos, portadores de doenças crônicas infecciosas e de deficiência.

A lei 9.313/96 dispõe sobre a distribuição gratuita de medicamentos aos portadores do vírus HIV/AIDS. A lei 8.080/90 em seu artigo 6º (Lei do SUS) inclui no campo de atuação do SUS a assistência terapêutica integral, inclusive farmacêutica, da mesma forma dispõe a Constituição do Estado do Rio de Janeiro, artigo 296 que a assistência farmacêutica faz parte da assistência global à saúde.

Às crianças e adolescentes vivendo com AIDS são assegurados os mesmos direitos dos adultos além dos amparos especiais previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) que estabelece em seu artigo 3º:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

O direito ao leite artificial também deve ser assegurado ao bebê filho da mãe com HIV nos primeiros seis meses de vida através da Portaria Federal nº 2.415/96 e Portaria nº 1.071/2003. O leite deve estar disponível na maternidade, as crianças em casas de apoio podem pleitear o benefício de prestação continuada de leite e algumas crianças em situações especiais também.

De acordo com o depoimento dos professores entrevistados:

P1 - Sobre a lei exatamente não tenho conhecimento como eles são pessoas normais como outra pessoa qualquer então ele pode estar, ir e vir em qualquer ambiente que tem uma lei que justifica isso.

P2 – Eu sei que eles têm, como as pessoas portadoras que são chamadas de deficientes elas também são protegidas por leis que amparam o adolescente, como as crianças, o idoso são leis que buscam só guardar os indivíduos. Agora conhecer a lei específica dessa síndrome não conheço.

P3 – Não saberia te dizer o nome da lei, sei sim que eles têm lei que ampara desde o tratamento, entre outros.

Pela falta de conhecimento a respeito dessas leis, o professor corre o risco de ser pego de surpresa caso descubra que tem algum aluno soropositivo sem ter sido informado pela família ou pela escola, caso esta fosse informada. Em tempos de garantias de matrícula para estudantes soropositivos nas escolas, promover estudos e discussões a respeito dessas leis seria o mínimo que as escolas poderiam promover ou organizar

junto a sua equipe de professores como oportunidade de formação continuada na própria escola, pois essas crianças frequentam todas as aulas, não apenas as de educação Física, foco desse estudo.

Busca por atualização e aperfeiçoamento sobre HIV/AIDS

A busca pela continuidade dos estudos já é algo indiscutível, frente ao acelerado crescimento tecnológico, a quantidade enorme de informações disponibilizadas diariamente aos estudantes e a velocidade com que se propagam, tendo a escola o dever de transformar essas informações em conhecimento e dar sentido a elas. Além disso, a escola e uma sala de aula são compostas por sujeitos diferentes e cabe ao professor saber trabalhar com todos.

Mais do que nunca, do professor é exigido que se informe, que se atualize, que inove em metodologias, em conhecimento de conteúdo e pedagógicos.

Nessa perspectiva, a busca incessante pelo conhecimento acerca da AIDS e sua real forma de transmissão é um desafio e uma responsabilidade muito grande dos professores e também das escolas. Isso requer e implica em mudança no processo de ensino em que o professor vai ter que percorrer para minimização dos riscos e trabalhar com estas crianças, cuidar delas diante da sua vulnerabilidade sem que coloquem a saúde deles e das demais crianças em risco e ao mesmo tempo não sejam discriminadas.

Diante do objetivo de descobrir se os professores entrevistados costumam se atualizar a respeito do HIV/AIDS e, ao mesmo tempo, como trabalhar com estudantes contaminados:

P1 – A gente acaba indo buscar fora, vai procurar na internet sobre este assunto por que totalmente na faculdade você não vê tudo né e acaba indo buscar outra forma de

aprendizado por que você tem que trabalhar com a criança sabendo como trabalhar com ela e sabendo como lidar com essa situação.

P2 – Apenas do ponto de vista da preocupação da instituição quando a gente tem algum problema ou algum aluno com a necessidade educacional especial o que a gente enquanto professor precisa de uma atenção a mais, daí passa a correr atrás e buscar informações e subsidiar suas aulas mais até então sobre este ponto de vista a esta situação específica eu nunca tive acesso.

P3 – Através de leitura sobre o caso, entrevistas, procuro saber.

As respostas dos professores mostram que existe uma preocupação em relação a um maior aprofundamento e busca por informações a respeito do tema. Como não tiveram essa formação durante a graduação, é natural que se sintam despreparados e busquem por conta própria amenizar essa situação. Isso mostra a grande responsabilidade que têm em suas mãos para com seus estudantes e a seriedade com que lidam com isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi realizada com o objetivo principal de descobrir se os professores de Educação Física entrevistados foram e estão preparados para receber e trabalhar com estudantes portadores do HIV e AIDS, sendo que essa permitiu elaborar algumas considerações, mesmo sabendo das limitações desse estudo e da possibilidade de um maior aprofundamento em outras oportunidades.

Os professores sujeitos da pesquisa mostraram-se despreparados para trabalhar com estudantes soropositivos, mas são conscientes dessa situação e dispostos a buscar informações, formações diferenciadas ou específicas caso sintam necessidade.

Formação e atenção diferenciadas ao se trabalhar com esses estudantes devem ser primeiramente no sentido de desfazer certos

equivocos sobre a doença, garantindo os direitos dessas crianças de frequentar uma escola normalmente, sem prejuízos na sua formação. Não seria o caso de superprotegê-las, nem de isolá-las, mas o mínimo que pode ser feito é manter contato com seus responsáveis sobre os medicamentos que essas crianças estão tomando, sobre conteúdos perdidos caso necessite se ausentar das aulas, além de ter um cuidado especial e discreto afastando colegas que por ventura possam estar gripados ou com alguma outra infecção, sabendo da maior vulnerabilidade que portadores de HIV e AIDS apresentam em relação aos não portadores. Com relação aos sangramentos ocasionados nas atividades de Educação Física, todos os alunos, soropositivos ou não, devem ser cuidados da mesma forma, preservando assim o ferido e também aquele que está tratando o ferimento.

As respostas dos professores também mostraram que os Cursos de Educação Física que cursaram não os orientaram e nem ofereceram disciplinas específicas para trabalhar com estudantes soropositivos, o que deve mais do que nunca ser repensado em termos de currículo dos cursos de ensino superior. Não devemos fechar os olhos, nem ignorar que esses estudantes existem e que com o acesso e permanência garantidos na escola, assim como as demais crianças não portadoras, com certeza elas estarão em uma, e poderão ser alunos desses professores futuramente.

Diante dessa lacuna deixada pelas instituições que os formaram, os professores entrevistados mostram-se dispostos e estão buscando ler, informar-se e se atualizar a respeito do tema. É lógico que o fato de não terem cursado nada específico sobre AIDS/HIV não os exime da responsabilidade que têm em estar sempre se atualizando e continuando a sua formação independente do tema e necessidades formativas, quando o que se espera é um ensino de qualidade justo, com todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, e que preparam as crianças para saber viver, conviver nas mais

diversas situações da vida, dentro e fora do âmbito escolar.

Através dessa pesquisa, fica o alerta de que não apenas professores de Educação Física, mas todos os docentes, devem sempre dar continuidade em sua formação, melhorando seu trabalho, contribuindo para a aprendizagem dos discentes. Em se tratando de estudantes soropositivos, estes devem ser tratados da mesma forma que os demais, considerando com respeito e atenção as suas especificidades. Não podemos enquanto professores descuidar desses, pois são eles que necessitam de maiores cuidados.

A caminhada percorrida para a realização desse trabalho permitiu que se aprendesse muito a respeito do tema pelos estudos e leituras efetuadas e ainda, propiciou conhecer a realidade na prática, ao entrevistar os professores nas escolas. Com

isso, pode-se afirmar que atender alunos portadores de HIV/AIDS, na educação escolar é um desafio a mais para a formação e para o trabalho de todos os docentes, e não apenas para os professores de Educação Física.

CONTRIBUIÇÃO INDIVIDUAL DOS AUTORES

Arlete Cherobini Orth: Escrita, análise e revisão geral do texto.

Simone Gobi Marcolan: Escrita, análise e revisão geral do texto.

Tania Jandrey: Coleta de dados, pesquisa de campo e organização dos dados.

HIV / AIDS AND EDUCATION SCHOOL: A CHALLENGE FOR THE MOST PHYSICAL EDUCATION TEACHERS

ABSTRACT: The school is a place of socialization of knowledge and welcomes children and teenagers of all classes, genders, ethnicities and with the most varied medical records or carrying syndromes, that AIDS can be one of them. Therefore, the research was directed for the purpose of find out whether the teachers of Physical Education, research subjects, are prepared to receive and work with students bearers of HIV and AIDS in their classes. The data collected demonstrated that even being unprepared to work with HIV-positive students, teachers know their responsibility and seek for more information and improvement of the theme.

KEYWORDS: Teaching. HIV / AIDS. Teacher training.

REFERÊNCIAS

AIDS no Brasil. Disponível em: <www.aids.gov.br/pagina/aids-no-brasil>. Acesso em: 20 mai. 2019.

BRASIL. *Código Penal.* Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico. *Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física.* Brasília, 2007.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente.* Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Índice elaborado por Edson Seda. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1994.

Crianças HIV Positivas. Disponível em: <[20http://drtavares.com/orientacoes/criancas-hiv.php](http://drtavares.com/orientacoes/criancas-hiv.php)> Acesso em: 15 abr. 2019.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2000.

NASCIMENTO, G. **Aids em Mato Grosso cresce 77% e atinge crianças e gestantes.** Disponível em: <<http://www.24horasnews.com.br/noticias/ver/aids-em-mato-grosso-cresce-77-e-atinge-criancas-e-gestantes.html>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

NEIRA, M. G. **Educação Física: desenvolvendo competências.** São Paulo: Phorte, 2009. 3ª Ed.

SEDICIAS, S. **Aids e HIV.** Disponível em: <<http://www.tuasaude.com/aids-hiv/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.